

Narrativa jornalística: como os 200 anos da Batalha do Jenipapo foi (re)contada pelos portais piauienses - G1 Piauí, o DIA e Cidade Verde¹

Sammará Jericó Alves FEITOSA²
Universidade Federal do Piauí (UFPE)

Resumo

Este artigo analisa a participação de três portais piauienses - G1, Portal O Dia e Portal Cidade Verde - para o resgate da história e memória ao (re)contaram um dos episódios mais expressivos para o curso histórico do Piauí e independência do País da Coroa portuguesa e que, no ano de 2023, completou 200 anos, a Batalha do Jenipapo. Aqui, o Jornalismo é colocado para além de um meio de retratar o tempo presente mais como elemento significativo para (re)construção de acontecimentos relevantes e com capacidade de contribuir para a preservação da memória histórica de fatos como a Batalha do Jenipapo. Além da pesquisa bibliográfica, o método utilizado para avaliar as matérias foi a Análise de Conteúdo categorial de Laurence Bardin. O resultado mostrou a falta de uma produção informativa explicativa e interpretativa da Batalha.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Batalha do Jenipapo; Análise de Conteúdo; História; Memória

1 A BATALHA DE JENIPAPO: 200 ANOS DE HISTÓRIA NÃO CONTADA

13 de Março de 1823. Essa é a data de um dos eventos mais marcantes para o Estado do Piauí. Deveria ser uma data também reconhecida por todos os brasileiros para tratar da Independência do Brasil de Portugal, porém, como bem coloca o Curador do Centro Cultural e Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados, Ricardo Oriá, na obra intitulada 'Série Histórias não contadas - A Batalha do Jenipapo no processo da Independência do Brasil' da Câmara dos Deputados [s.d.]: “a história do Brasil que aprendemos nos bancos escolares e que é reproduzida nos livros e manuais didáticos

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Comunicação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE); Docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) do curso de Jornalismo, Teresina-PI, email: sammarafeitosa@cceca.uespi.br

está repleta de lacunas [...] sobretudo aqueles protagonizados por sujeitos históricos anônimos (ORÍ, s.d. in. CÂMARA DOS DEPUTADOS, [s.d], p.5)³.

A Batalha do Jenipapo é uma dessas histórias não contada que resultou na morte de brasileiros, em destaque, piauienses, às margens do rio Jenipapo, no município de Campo Maior, 79,8 km de distância da capital Teresina. Gomes diz (2010) que a independência do Brasil foi e ainda é contada sob uma lente restrita para o grito a beira do rio Ipiranga. "O processo de separação de Portugal envolveu todo o Brasil e custou muito sangue e sacrifício às regiões Norte e Nordeste, onde milhares de pessoas pegaram em armas e morreram na Guerra da Independência" (GOMES, 2010, p.14), como, por exemplo, a Batalha de Jenipapo. Em várias parte do País ocorreu lutas pela independência. Segundo Gomes (2010), durou cerca de 21 meses - de fevereiro de 1822 a novembro de 1823, porque não havia um consenso entre as forças políticas de cada região. Chaves (2005, p.27), diz que alguns líderes políticos "nutriam especial apreço pelas relações com a metrópole portuguesa". Em função das tentativas de independência brasileira, segundo Adrião Neto (2005, p.33), "[...] o governo lusitano planejou ficar com a parte Norte, recriando o antigo Estado Colonial do Maranhão, compreendido pelas províncias do Piauí, do Maranhão e do Pará". Nesta época, o Brasil era dividido em duas unidades administrativas independentes: Estado do Maranhão, que reunia as capitanias do Pará, o próprio Maranhão, o Ceará e o Piauí e a capital era São Luís; e o Estado do Brasil, que tinha como capital Salvador e contava com as capitanias ao sul. A Batalha de Jenipapo "impactaria decisivamente no fracasso desse projeto, pois também era fruto de uma reação que levou ao antilusitano no Brasil" (ARAÚJO, 2022, p.2).

Os movimentos revolucionários no Piauí começaram ainda em 19 de outubro de 1822, em Parnaíba, litoral do Estado, liderados pelo juiz de Paz, João Cândido de Deus e Silva, e o fazendeiro Simplício Dias da Silva, que proclamaram a independência do Piauí de Portugal. A data ficou imortalizada como sendo o dia de aniversário do Estado. Outro movimento aconteceu em 24 de janeiro de 1823, na cidade de Oeiras, a capital do Estado na época. De acordo com Queiroz (1998), quando a Coroa portuguesa, ainda em

³ Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/batalha-do-jenipapo>>. Acessado em 8 de julho de 2023

1821, percebeu os movimentos pela liberdade, logo buscou restabelecer a ordem de todo maneira e, para isso, enviou o Major João José da Cunha Fidié para "ser o comandante de armas do Piauí, tendo este chegado em 8 de agosto de 1822 com a missão precípua de manter a região sob controle português a todo custo (ARAÚJO, 2022, p.2)⁴. O Estado vizinho, o Ceará já havia proclamado sua independência em 15 de Outubro de 1822, por isso as forças revolucionárias do litoral piauiense pediram abrigo, já que o Comandante de Armas, Major Fidié havia partido de Oeiras para lá com o objetivo de combater e punir os responsáveis pelos atos contra a Coroa. Fidié demorou dois meses para chegar ao norte do Estado, mas não encontrou os ‘rebeldes’ e, além de não punir ninguém no litoral, Oeiras, sob o comando do Brigadeiro Manuel de Sousa Martins e sem a vigilância do exército português, aderiu as mobilizações de independência de Portugal. Quando soube do ocorrido na capital, Fidié decide retornar para Oeiras passando, novamente, pela Vila de Campo Maior:

Ao saber da aproximação do exército português, o capitão Luiz Rodrigues Chaves, comandante da guarnição local, decidiu barrar-lhe o caminho. Como dispunha de menos de quinhentos soldados, fez uma proclamação aos moradores pedindo voluntários. Ao amanhecer do dia 13 de março, cerca de 2.000 pessoas estavam reunidas em frente à igreja de Santo Antônio. Era um grupo sem qualquer treinamento militar, armado com foices, machados, facões, espingardas de caça e dois canhões velhos e enferrujados, ainda da época do Brasil colônia, que horas mais tarde se desmantelariam ao disparar os primeiros tiros (GOMES, 2010, p.103).

Não existe um dado certo sobre o número de mortos na Batalha do Jenipapo. Gomes (2010) fala entre 200 e 400 brasileiros, enquanto as tropas portuguesas apenas 16 soldados mortos; já Araújo (2022) aponta 542 presos e 200 mortos e feridos. A Batalha demorou cerca de cinco horas e o exército português conseguiu vencer, mas Portugal perdeu o controle sobre o Piauí e o Brasil alguns meses depois. Após o conflito, o Major Fidié se deslocou para a Vila de Caxias, no Maranhão, mas as forças revolucionárias conjuntas do Piauí, Ceará e Pernambuco, por cinco meses, fizeram ataques às tropas portuguesas. Em 1º de agosto de 182, a Major Fidié se tendeu (ARAÚJO, 2022). Ele foi “despachado para o Rio de Janeiro, de onde voltaria a Portugal mediante um indulto do imperador brasileiro” (GOMES, 2010, p.104).

4 Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v74n1/v74n1a04.pdf>>. Acessado em 3 de julho de 2023

2 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA E A PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA

Contar o atual, o imediato, o agora. O tempo presente parece ser o tempo social exclusivo dentro das rotinas do campo do Jornalismo. Esse trabalho, como muitos outros, ratifica que o tempo passado também tem seus encantos e alguns fatos podem fazer parte das matérias jornalísticas e, assim, serem lembrados e (re)vividos através da função informativa do Jornalismo. Como narradores do e no tempo de fatos considerados pertinentes para o público, os jornalistas com sua atuação acabam produzindo documentos que podem e são usados pelos historiadores. Disciplinas diferentes, formas de conhecimento diferentes e próximas ao mesmo tempo. Jornalismo e História possuem um olhar ou um trabalho parecido que é o de fornecer aos seus públicos informações e narrativas sobre todos os tempos sociais, como bem afirma Barbosa (2011, p.7 In. MATHEUS, 2011, p.7), "Jornalismo e História [...] ambas dependentes do tempo". Ao se propor, na atualidade, recontar e narrar o fato do passado - a Batalha do Jenipapo - os jornalistas dão um novo valor e sentido, porque trazem do passado o fato e atribuem novos espectadores, novas fontes e outras narrativas. Como bem coloca Rêgo, Queiroz e Miranda (2014, p.19) as duas áreas do saber tem como ponto de interseção serem narrativas. "Os dois campos coincidem em seu compromisso com o conhecimento do "real". Ao jornalismo e à história cabem narrar o que aconteceu na vida vivida, na sociedade, no mundo".

Ao recontar a Batalha do Jenipapo, o jornalismo traz a história e, a cada ano, ao reviver aquele passado, ele acaba por produzir no público memórias, mesmo quando estas memórias não são, hoje, empíricas no público, afinal, a Batalha do Jenipapo aconteceu há 200 anos. "Como reconstrução, a memória não se fixa em uma conservação da experiência, mas em novas construções a partir de um material de referência"(GERK, BARBOSA, 2018, p.155). E esse material de referência pode ser as matérias jornalísticas que, ao longo dos anos, vem buscando novas narrativas para historicizar o fato da Batalha. A cada matéria sobre a Batalha, a mídia traz do passado seus vestígios, os rastros e dão a eles uma ressignificação para que possam, no presente,

serem reconhecidos pelo seu público. O reconhecimento social dá ao fato consistência e veracidade, ao mesmo tempo, uma formação de memória coletiva⁵. Mais do que contar e publicizar os fatos do cotidiano, a mídia e suas produções noticiosas conseguem “propiciar a inscrição dos acontecimentos no espaço da memória social” (FERREIRA, 2007, p.57).

Le Goff (2003, p.471) é enfático ao dizer que o Jornalismo é um lugar de memória e os jornalistas são “profissionais científicos da memória”, assim como outros, como antropólogos e historiadores. Essa conclusão vai ao encontro de Rêgo (2014, p.48) quando diz que o jornalismo é um lugar de memória, pois reúne “as três condições essenciais de consolidação de um lugar mnemônico, ou seja: material, funcional e simbólica”. Por isso, além de funções políticas, morais, de mediação da realidade e de informação, podemos afirmar que o Jornalismo também tem função memorial e histórica. Todas juntas fazem do Jornalismo um “tipo de processo de conhecimento tanto para seus produtores quanto para os receptores da realidade produzida” (SPONHOLZ, 2009, p.10). Ao oferecer os contributos da Teoria Interacionista, Ponte (2005) traz a ideia de realidade. Segundo a autora (2005, p.98), “este mundo, vivido e intersubjetivo, apresenta-se como uma contínua partilha de significados e por uma naturalização que os impõem como *a realidade*”. E é sobre essa realidade cotidiana que o Jornalismo se debruça quanto a sua prática. Para construir seus discursos, o jornalismo fará uso de uma linguagem, “que permite cristalizar e estabilizar a subjectividade” (PONTE, 2005, p.98) e, conseqüentemente, por meio da informação divulgada, o Jornalismo acaba por auxiliar no acervo social de conhecimento, que auxiliam o público nas interações sociais, como também “fornece esquemas tipificados para as principais rotinas da vida quotidiana” (PONTE, p.99). Assim, colocando o Jornalismo e a mídia como produtores de um acervo de conhecimento da sociedade “estamos então a afirmar a responsabilidade pública e social do jornalismo muito para além da oferta diária de “notícias” aos seus leitores (PONTE, 2005, p.100).

⁵ Na obra intitulada “A memória coletiva” (2003), Maurice Halbwachs explica que a memória individual é um processo da memória coletiva. É esta memória que nos ajuda, reafirma e confirma as nossas memórias. Nossas memórias são memórias sociais, coletivas.

3 OS 200 ANOS DA BATALHA DE JENIPAPO PELO PORTAIS G1 PIAUÍ, O DIA E CIDADE VERDE CONTARAM

Está se vivendo um momento de expansão da comunicação e da produção de matérias no Jornalismo como nunca se viu. Novos produtos, novas formas de contar uma história, narração transmídia, participação do público e sociedade em rede. No mundo da Globalização, a produção de notícias pelo Jornalismo ganhou novos recursos e também novos desafios. Segundo Ferrari (2010, p.35), a força dessa tecnologia “tornou-se um instrumento essencial para o jornalismo contemporâneo e, por ser tão gigantesco, está começando a moldar produtos editoriais interativos com qualidades atraentes para o público”. Como bem coloca Di Felice (2008), a humanidade teve três grandes revoluções quanto as maneiras de se comunicar: o surgimento da escrita no século V a.C; a invenção da prensa móvel, na Europa, no século XV; e a terceira foi a difusão de informações por meio de meios de comunicação de massa eletrônicos, rádio e tv, entre os séculos XIX e XX. “Na época contemporânea, a humanidade estaria enfrentando uma ulterior revolução comunicativa, implementada pelas tecnologias digitais que, numa concepção histórica, constituiria a quarta revolução” (DI FELICE, 2008, p.22). E essa revolução traz novas características na produção e veiculação de notícias no mundo digital pelos jornalistas; e uma nova forma de ler e participar por parte dos usuários. Para Castell (2013), estamos vivendo em sociedade em rede ou “*network society*”. “Uma sociedade em rede é aquela cuja estrutura social é composta de redes activadas por tecnologias digitais de comunicação e informação baseadas em microelectrónica” (CASTELLS, 2009, p.58). Para Ferrari (2010), o conteúdo do Jornalismo Digital não está restrito a alguns elementos que são encontrados no jornal impresso, por exemplo, como texto e fotografia. Pode e deve ser acrescentado outros elementos que o meio permite, como vídeos, hiperlinks que direcionam o usuário para outra página no campo virtual; infográficos, áudios, músicas. Seja em qual veículo de divulgação da notícia (TV, rádio, impresso ou internet), o fato é que os jornalistas sempre estão em busca de boas histórias. E essas boas histórias, no mundo da internet, comporta outros formatos, como narrativas transmídia para proporcionar um

conhecimento mais dinâmico. “A narrativa transmídia é uma história que se desdobra em várias plataformas e formatos” (MARTINO, 2015, p.38). Importante ratificar que a prática jornalística é entendida dentro das palavras de França (2016, p.158): “a comunicação é um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela”. Assim, este artigo entende que por meio das matérias jornalísticas, no caso do Jornalismo Digital, o jornalista pode produzir sentido e significação quanto aos fatos que interpreta como relevantes. Os três portais - G1 Piauí, Portal Cidade e O DIA são espaços virtuais ligados aos seus veículos de comunicação, a saber a Tv Clube, afiliada da Rede Globo; Tv Cidade Verde afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e o Sistema O DIA⁶.

3.1 Análise de Conteúdo⁷ categorial dos Portais investigados

De caráter qualitativo, este estudo analisou a participação o G1 Piauí, Portal O Dia e Portal Cidade Verde para a história e memória social sobre a Batalha do Jenipapo que, neste ano de 2023, no 13 de março, completou 200 anos de história. Não é um estudo comparativo, mas sim uma pesquisa que revela como cada veículo se manifestou e participou da preservação da memória história sobre o fato escolhido. As matérias do G1 Piauí⁸ e do Portal O DIA⁹ saíram no dia exato das comemorações, 13 de março; enquanto a matéria do portal Cidade Verde¹⁰ foi veiculada um dia antes.

Os títulos, respectivamente foram: Batalha do Jenipapo: único conflito armado pela independência do Brasil completa 200 anos; Batalha do Jenipapo: luta histórica no Piauí completa 200 anos e, por fim, Combate sangrento, a Batalha do Jenipapo, ajudou

6 O Sistema O Dia possui outros veículos com o mesmo nome: FM O DIA, O DIA tv, Jornal O DIA. Disponível em <<https://portalodia.com/quem-somos>>. Acessado em 10 de julho de 2023.

7 “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (BARDIN, 2011, p.15)

8 Disponível em <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/03/13/200-anos-da-batalha-do-jenipapo-o-sangrento-embate-entre-portugueses-e-brasileiros-no-sertao-do-piaui.ghtml>>. Acessado em 10 de julho de 2023.

9 Disponível em <<https://portalodia.com/noticias/piaui/batalha-do-jenipapo-luta-historica-no-piaui-completa-200-anos-397584.html>>. Acessado em 10 de julho de 2023

10 Disponível em <<https://cidadeverde.com/noticias/388569/combate-sangrento-a-batalha-do-jenipapo-ajudou-a-consolidar-independencia-ha-200-anos>>. Acessado em 10 de julho de 2023

a consolidar a Independência há 200 anos. Na análise de conteúdo categorial¹¹ das três matérias sobre os 200 anos da Batalha do Jenipapo foram encontradas seis categorias: (a) narrativa histórica, onde esta pesquisadora identificou as características da narrativa jornalística, com seus destaques; (b) o contexto político para se buscar se o momento político atual teve alguma influência na narrativa da matéria, como no sentido de palavras como independência e batalha; (c) a participação dos líderes, ou seja, como os atores envolvidos na Batalha, seja do lado português, Major Fidié, seja os líderes das manifestações libertárias, como Simplicio Dias da Silva, foram representados, suas ações, as estratégias de batalha; (d) papel dos combatentes, aqui identificando a representação dos soldados, das pessoas comuns que lutaram na Batalha; (e) questões táticas e militares para apresentar como os jornalistas trabalham os aspectos das táticas e estratégicos de cada lado da batalha; e por último (f) o significado histórico, como essa Batalha foi interpretada e manifestada para compreensão do público.

3.1.A Narrativa Histórica

Em todas as matérias a Batalha do Jenipapo é colocada como uma “batalha sangrenta” e apontando como um conflito único no país justamente por ter sido um conflito armado pela independência do Brasil da Coroa portuguesa. Todos os jornalistas são enfáticos e fazem uma defesa do desejo de independência dos piauienses e que esse desejo fez com que centenas de indivíduos, mesmo sem qualquer prática de guerra, lutassem contra um exército bem armado, treinado e comandando por um oficial com experiência e de confiança da Coroa portuguesa. Em uma analogia, esse confronto pode ser assim contato: Davi, os piauienses, contra Golias, o exército português. O trecho abaixo retirado do Portal O DIA demonstra o desejo pela independência:

Às margens do Rio Jenipapo, no local onde se encontra hoje a cidade de Campo Maior, aconteceu um dos momentos históricos mais importantes para a consolidação da Independência do Brasil. Em 13 de março de 1823, a batalha entre piauienses e tropas de Portugal, que pretendiam estender a dominação do país colonizador para o Norte do Brasil

¹¹ “Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2011, p.201)

Como dito na primeira parte deste artigo, o país foi dividido em duas unidades administrativas: Estado do Maranhão, com as capitâneas do Norte; e Estado do Brasil, com a Bahia e outras capitais das demais regiões. A Coroa portuguesa queria manter a subordinação de todas as capitâneas e por isso enviou o Major Fidié para controlar e impedir quaisquer tentativa de independência. Abaixo tem outro trecho, agora do G1 Piauí, que demonstra que a Batalha foi e é considerada como fato heróico pela situação de enfrentamento entre pessoas comuns que se juntaram a um pequeno grupo de militares contra um exército armado e treinado:

Apesar da junção entre os estados, apenas 500 homens faziam parte da tropa a favor da independência. Com a solicitação de voluntários, cerca de 1,5 mil civis se apresentaram. Sem experiência militar, muitos eram vaqueiros, roceiros, escravizados, libertos e indígenas, armados somente com machados, foices, facões e enxadas

O Portal Cidade Verde também destacou esse fato heróico:

De um lado, estava um Exército organizado e bem armado de portugueses que tentavam manter o domínio de Portugal nas províncias do Norte do Brasil. Do outro, milícias brasileiras organizadas às pressas que lutaram com facas, foices, machados e um canhão enferrujado

A narrativa das três matérias sobre a Batalha do Jenipapo é necessário chamar a atenção dessa questão, todas foram escritas na perspectiva única dos profissionais da imprensa. O Portal Cidade Verde ainda traz um historiador, professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para, em dois momentos curtos no final da matéria citar algumas palavras. No portal O DIA, os jornalistas trazem uma mensagem do Presidente Lula, uma citação do atual Governador Rafael Fonteles e o Presidente da Assembléia Legislativa do Piauí, Dep. Franzé. Todos os parlamentares são do Partido dos Trabalhadores. Neste caso do Portal O DIA, isso nos faz citar um trecho da dissertação de Mestrado do Prof. Adelmo Genro Filho, em 1987, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Ele diz que alguns deveres dos jornalistas ganharam uma visão e uma prática voltada para as ideologias dominantes¹²: “A exatidão quer dizer, quase sempre, a submissão do jornalista às fontes oficiais, oficiosas ou institucionais” (GENRO FILHO, 1987, p.30).

¹² Genro Filho (1987), com base na leitura do livro de F. Fraser Bond intitulado “Introducción al periodismo”, 1954, que diz que os jornalistas têm cinco deveres, além da exatidão, temos independência, imparcialidade, honradez, responsabilidade e decência.

3.1.B Contexto político

O contexto político ora aqui analisado tanto se refere ao da época da Batalha como o atual, em 2023. Como está no trecho abaixo retirado do G1 Piauí, na época, em 1822, a Coroa portuguesa já estava ciente das revoltas e lutas pela independência e isso perdurou até 1823, ano da Batalha. Mesmo com o grito de Independência proclamado por Dom Pedro I às margens do rio Ipiranga, em São Paulo, o momento político da época não era de consenso, pois haviam, por aqueles que sentiam apreço pela Coroa Portuguesa, o desejo de continuarem ligado à Portugal.

A batalha violenta começou a ser idealizada no dia 8 de agosto de 1822, um mês antes do Grito do Ipiranga. Na data, chegava a Oeiras, capital da província até então, o major português João José Da Cunha Fidié, que havia sido nomeado ao cargo de governador das armas por D. João 6º. Historiadores apontam que ele veio ao sertão piauiense com o intuito de impedir a emancipação do Brasil.

Saltando para a data e o ano das comemorações do bicentenário da Batalha, 13 de março de 2023, o contexto político não é de conflitos e sim de reconfigurar a Batalha “sangrenta” em um momento de reconhecimento e também festivo comercial voltado para a promoção do turismo e economia. Assim demonstram as falas, respectivas, transcritas do Governador Rafael Fonteles (PT) colocadas pelo Portal O DIA:

Essa batalha do 13 de março é um momento histórico para o Brasil e a gente está aqui para homenagear os heróis do passado e os heróis do presente, que ajudam na luta por novas independências, por mais dignidade, mais cidadania, mais democracia, mais direitos para a nossa população com um todo

E a data como valor mercadológico:

Sem dúvida o turismo é uma vertente do desenvolvimento econômico importante e a gente tem que começar o turismo fazendo o próprio Piauí conhecer e amar o Piauí, depois trazer os brasileiros para conhecer as nossas belezas históricas e naturais, e depois trazer os turistas do mundo inteiro.

A data, o fato e a cidade tanto são analisados, hoje, como fatos históricos importantes para a valorização da identidade piauiense, porém sem reconhecimento pela literatura e a política; mais também já é vista como movimento que pode promover o turismo e a economia. Como analisado na categoria anterior, as matérias dão destaque aos atores políticos do contexto atual.

3.1.C Participação dos líderes

A participação dos líderes envolve tanto do lado português, como do lado dos brasileiros, em especial, os piauienses. As forças portuguesas são apontadas nas três matérias como sendo um exército formado por soldados treinados e organizados e bem armados com o objetivo de impedir e punir os rebeldes brasileiros. Por conta dessa narrativa, a Batalha do Jenipapo é colocado como fato heróico de pessoas comuns que desejavam a independência do Brasil. O nomeado pela Coroa Portuguesa para ser o Governador de Armas no Piauí foi o Major João José da Cunha Fidié, colocado nas matérias como fiel aos reinado português. Na matéria do Portal Cidade Verde, de forma amena, o Major Fidié é colocado como não muito estrategista, pois ao deixar a capital, na época, Oeiras, sem forças armadas para barrar os movimentos no litoral, ele acabou deixando a cidade desprotegida.

A adesão de Parnaíba ao Brasil independente motivou uma marcha liderada por João José da Cunha Fidié, que levou tropas à vila para sufocar o movimento de apoio a dom Pedro. A marcha para o litoral, contudo, desguarneceu a vila de Oeiras, então capital da província. Foi justamente neste momento que o brigadeiro Manoel de Souza Martins, que representava a elite econômica ligada à pecuária e havia sido aliado pelas Cortes de Lisboa, também declarou apoio à Independência.

Sobre os líderes e apoiadores do movimento pela independência, os três veículos não fazem uma menção muito clara. Tratam de heróis os civis, que se lançaram em um conflito armado munidos com machados e enxadas, como nos caso dos vaqueiros e pessoas escravizadas e libertas. Mas os jornalistas, autores no recontar a história da Batalha, não apresentam claramente as estratégias e isso pode ter sido causado pela falta de personagens e especialistas.

3.1.D Papel dos Combatentes

Como dito anteriormente, as matérias dão destaque a população civil sim. No Portal Cidade Verde falam de um combate desigual, pois as tropas portuguesas tinham um número maior de soldados, cerca de 1.600, 11 canhões e lideradas por oficiais experientes. Já os combatentes brasileiros:

Do outro lado, estava uma milícia precária, formada às pressas, com cerca de 2.000 homens do Piauí e Ceará. Em sua maioria, eram

vaqueiros e trabalhadores rurais, arregimentados por líderes políticos locais, além de indígenas e negros libertos.

A luta desigual, segundo a matéria, deixou 36 mortos entre os portugueses e entre 200 e 400 do lado brasileiro. Esse número de mortos não é o mesmo no Portal O DIA, que narra mais de 200 piauienses e 116 soldados portugueses. Pelos textos jornalísticos, a Batalha foi um ato de coragem das forças brasileiras, que reuniu, além dos piauienses, cearenses e pernambucanos. Nas matérias do G1 Piauí e Portal O DIA, eles não trazem especialistas e na matéria do Portal Cidade Verde um historiador fala de forma curta e ao final da matéria:

A Batalha do Jenipapo é um evento muito importante na história do Brasil, mas é esquecido, como todo o contexto do processo de Independência ocorrido no Norte. Isso muito por conta da forma como a historiografia oficial tentou amansar a ideia de que houve conflito

3.1.E Questões táticas e militares

As três matérias trazem a mesma narrativa de que a união dos soldados com a população civil em Campo Maior não tinha uma estratégia tática e militar. Foi improvisado um exército formado de soldados e vaqueiros, indígenas, fazendeiros e escravos, assim como como combater as tropas portuguesas. Do lado português, a vinda do Major Fidié ao Piauí já foi um sinal de organização para combater as ações libertárias. Segundo a matéria do G1 Piauí, do lado piauiense, os ataques às tropas portuguesas, maiores em número e melhores equipados, foi um “suicídio”:

O massacre teve seu começo em uma tentativa desesperada de Chaves, que tentou conter a invasão dos soldados de Fidié. O comandante, sem alternativas, exigiu que os soldados da independência atacassem os portugueses por todos os lados, como uma forma de batalha suicida

3.1.F Significado histórico

A Batalha do Jenipapo foi percebida nas três matérias jornalísticas como o evento mais relevante para a conquista da independência do país da Coroa Portuguesa. Foi um conflito armado considerado único no país. Os movimentos que aconteceram em Parnaíba, Oeiras, a primeira capital na época, e, por fim, Campo Maior, consolidaram o desejo pela independência. Infelizmente, a data não tem destaque nacional. A Batalha do Jenipapo no livro publicado pela Câmara dos Deputados está na série “Histórias não

contadas”. A Batalha do Jenipapo conseguiu reunir piauienses, cearenses e pernambucanos, além de outras regiões, até mesmo do Estado do Brasil, para lutarem a favor da independência brasileira, assim, a Batalha do Jenipapo nas matérias é colocada como fator decisivo a consolidação da independência. Essa afirmativa está nas palavras do Presidente Lula colocadas na matéria do Portal O DIA: "Neste 13 de março, quero saudar esse povo lutador do estado do Piauí por esses 200 anos da Batalha do Jenipapo, em Campo Maior. Marco importante para a consolidação da independência do Brasil”. Como o conflito as margens do rio Jenipapo deixou as tropas portuguesas exaustas e ainda sem muito mantimentos, elas não foram atrás dos sobreviventes brasileiros. O Major Fidié e seus soldados seguiram para o Maranhão, onde foram alvos de vários conflitos até que em junho de 1823, ele se rendeu, foi levado para o Rio de Janeiro e depois deportado para Portugal. Na Batalha do Jenipapo, os portugueses venceram a batalha, mas ao final, perderam a guerra e o Brasil.

Considerações

Mais uma vez, posso recorrer a Genro Filho (1987) quando ele cita as características de uma notícia que passam pela precisão, interesse e atualidade. Essas características estão ligadas ao tema dos 200 anos da Batalha do Jenipapo e soma-se ainda como marca a explicação. Pela análise, percebe-se que a história da Batalha é contada sem uma fonte especialista que possa esclarecer o movimento de independência do Piauí e como isso impactou a liberdade dia Brasil. Como bem coloca Sponholz (2009), a rotina jornalística exige algumas procedimentos desde a escolha do tema a apresentação, passando pelo enfoque e a escolha das fontes. No caso das matérias em análise, as fontes sobre o fato histórico não existem. Correia (2011, p.94) reflete que as fontes tanto podem ser pessoas como documentos e que os "jornalistas não podem criar as notícias autonomamente, ou melhor a partir do nada”. No caso do fato em si - Batalha do Jenipapo - os jornalistas escreveram a partir da data oficial de reflexão, 13 de março, porém, a notícia jornalística não apresenta nenhuma pessoas entrevista ou fonte consultada para atribuir mais qualidade e credibilidade aos fatos narrados. A notícia, como produto simbólico e imaterial, exige o cumprimento dos processos por

parte dos jornalistas: procurar, organizar, forma e publicidade. Os 200 anos da Batalha do Jenipapo foi repassado destacando, com o apoio das fontes políticas, as ações do presente em tempo de êxtase e festividade, mas o valor simbólico, histórico e memorial ainda padece por parte das narrativas jornalísticas, análise deste artigo.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Johny Santana de. Cien.Cult. [online]. 2022, vol.74, n.1, pp.1-9. ISSN 0009-6725. O combate que decidiu o futuro do Brasil. A batalha do Jenipapo e a consolidação da independência do Brasil no Piauí 1823. Disponível em <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v74n1/v74n1a04.pdf>>. Acessado em 8 de julho de 2023

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Histórias não contadas: a Batalha do Jenipapo no processo de independência do Brasil. [s.d]. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/visiteacamara/cultura-na-camara/arquivos/batalha-do-jenipapo>>. Acessado em 8 de julho de 2023

CASTELLS, Manuel. **O poder da Comunicação**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2013

CHAVES, Joaquim. **O Piauí nas lutas da independência do Brasil**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

CORREIA, João Carlos. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. LabCom Books, 2011

DI FELICE, Massimo. **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. 1.ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2010

FERREIRA, Antônio Carlos Silva. Combate do Jenipapo: a Batalha vencida pelos portugueses na Guerra que Portugal perdeu Brasil. 2º Encontro Internacional História & Parcerias Associação Nacional de História Rio de Janeiro (ANPUHRJ) Rio de Janeiro, 21 a 25 de outubro de 2019. Disponível em <<https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/>>

hep2019/1561075792_ARQUIVO_e0ce058e443c6dfa59ad726cd0b8385d.pdf>. Acessado em 3 de julho de 2023

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto e a pesquisa em Comunicação: uma abordagem relacional. In. MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do Jornalismo. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 258 p.; 1987

GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. **Jornalismo, Memória e Testemunho**: uma análise do tempo presente. *Contracampo*, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018

GOMES, Laurentino. **1822**. Nova Fronteira Participações S.A, Rio de Janeiro, 2010

MARTINO, Luís Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2011

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os Literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Hígino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina. Editora da UFPI. João Pessoa, 1998. 300p.

RÊGO, Ana Regina; QUEIROZ, Teresinha; MIRANDA, Marcela. **Narrativas do Jornalismo & Narrativas da História**. Porto: Mediaxxi Fornalpress, 2014

RIBEIRO, Ana Paula Goular; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e Memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Série Jornalismo a Rigor. V.4. Florianópolis: Insular, 2009